

ESTRATÉGIAS NA TRADUÇÃO DE EFÉSIOS 1, 2 E 3 PARA A LÍNGUA CABO-VERDIANA (LCV)

TRANSLATION STRATEGIES OF EPHESIANS 1, 2 AND 3 TO CAPE VERDIAN LANGUAGE

*Eliane Semedo**

RESUMO: Este artigo trata das estratégias utilizadas na tradução de Efésios 1, 2 e 3 para a língua cabo-verdiana, baseando-se nos princípios teóricos da tradução hermenêutica, que propõe, como pressuposto básico para a tradução, a análise exegética do texto fonte. As abordagens de equivalência formal e dinâmica são aplicadas de forma flexível, sendo orientadas pelo contexto. Esse trabalho contribui para a afirmação da língua. Assim, este trabalho se justifica por evidenciar alguns processos envolvidos na tradução bíblica, mais especificamente, a tradução dos três primeiros capítulos de Efésios para a língua cabo-verdiana.

PALAVRAS-CHAVE: *Tradução; carta de Paulo aos efésios; língua cabo-verdiana.*

ABSTRACT: This article discusses the strategies used in the translation of Ephesians 1, 2 and 3 for the Cape Verdean language, basing this on the theoretical principles of hermeneutics translation, which proposes, as a basic assumption for translation, the exegetical analysis of the source text. The formal equivalence and dynamic approaches are applied flexibly, being guided by the context. This work contributes to the affirmation of the language. Thus, this work is justified by demonstrating some processes involved in Bible translation, more specifically, the translation of the first three chapters of Ephesians to the Cape Verdean language.

KEYWORDS: *Translation; Paul's letter to the Ephesians; Cape Verdian language.*

Introdução

Ao se tratar de tradução bíblica, dois pontos fundamentais devem ser considerados: a fidelidade ao texto original e o propósito comunicativo da tradução. A tradução é um processo interpretativo e comunicativo, ou seja, o tradutor precisa entender o texto original e passar a informação interpretada de um sistema linguístico para o outro. É nesse processo de reformulação em outro sistema linguístico que está o cerne desse trabalho.

A língua cabo-verdiana é um crioulo de base lexical portuguesa, dessa forma seu léxico provém do português quinhentista, sua língua de superstrato, mas sua gramática baseia-se nas suas línguas de substratos, a saber: línguas do oeste africano, especialmente o wolof, mandinka e temné (QUINT 2000b: 32; 2006: 88). Assim, pode-se pensar que a tradução da Bíblia para a LCV pode simplesmente ser dispensada, dando lugar a uma adaptação da tradução portuguesa, o que não é verdade, pois não se trataria de uma adaptação, mas de uma outra tradução, agora da versão portuguesa para a LCV.

Assim, o presente artigo versa sobre os desafios na tradução bíblica dos três primeiros capítulos da *Carta de Paulo aos Efésios*, baseando-se na teoria da tradução

* Doutoranda em linguística pelo INALCO - Institut National de Langues et Civilisations Orientales, (através do laboratório de pesquisa LLACAN – Langage, langues e cultures d’Afrique noire) e pela UFC (Universidade Federal do Ceará); elianeibm@gmail.com.

hermenêutica, aplicando de forma flexível as abordagens de equivalência formal e dinâmica, orientando-se pelo contexto.

1 Definição de tradução

Chamamos de tradução o processo e o produto da transposição de um texto de uma língua a outra. Entretanto, não se trata de uma simples mudança de códigos linguísticos de uma língua para outra, ela envolve diferentes aspectos, como: culturas diversas, significado, sintaxe, referência, etc (VIEIRA, 2013: 16).

Bassnett (2002:24), no capítulo de seu livro intitulado “Decoding and recoding”, trata da necessidade que o tradutor tem de transcender aos aspectos linguísticos: “The translator, therefore, operates criteria that transcend the purely linguistic, and a process of decoding and recoding takes place.” Ele dá ênfase ao processo cognitivo do tradutor, o qual precisa primeiro decodificar a mensagem da língua fonte, o que inclui os aspectos linguísticos e extra-linguísticos, para então recodificá-la na língua alvo. Bassnett (*op. cit.*: 25) recorre ao modelo de Eugene Nida para ilustrar melhor o processo de codificação e recodificação na tradução:

(Fonte: NIDA, *apud* BASSNETT, 2002: 25)

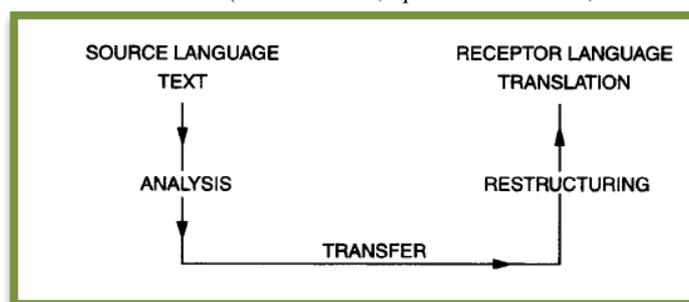


Figura 1 – Decodificação e recodificação

De fato, para Gadamer (1997: 499-500), traduzir é reconstruir um texto, tendo a compreensão do texto como guia. Para ele, esse processo não é uma “simples co-realização”, mas uma interpretação seguida de uma realização dessa interpretação. Assim, a tradução feita palavra por palavra, desconsiderando o contexto para uma interpretação fiel, não trata-se de uma tradução de texto, mas de uma proposta de tradução de termos.

Larson (1998:3) especifica ainda mais o conceito de tradução afirmando que esse processo consiste na análise de certos aspectos da língua fonte, a saber, léxico, estrutura gramatical, situação comunicativa e o contexto cultural. Tal análise visa determinar o significado da mensagem e reconstruir esse significado na língua alvo, usando o léxico e a estrutura gramatical adequados ao contexto cultural dessa língua.

(Fonte: LARSON, 1998: 4)

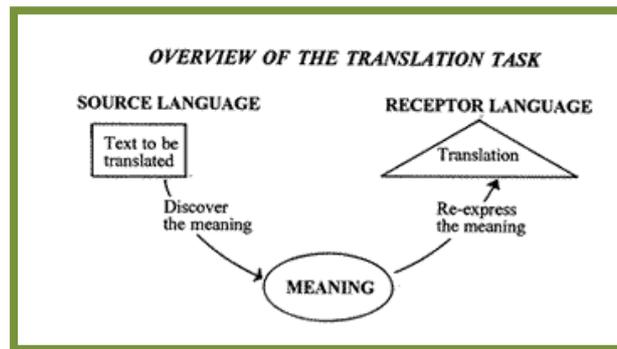


Figura 2 – Processo de tradução

Essa abordagem de Larson focaliza na exegese do texto fonte como pré-requisito básico para a tradução. Assim, o trabalho de prévio da análise detalhada do texto fonte é determinante para garantir os dois pontos básicos da boa tradução: manter a fidelidade ao texto fonte e transmitir a informação da forma mais natural e acessível na língua alvo.

Contudo, toda essa análise seria em vão para a tradução se não for utilizado, num segundo momento - o momento da tradução propriamente dita -, os recursos linguísticos apropriados ao sentido que foi extraído do texto fonte. A mensagem deve ser bem compreendida na língua fonte e adequadamente re-expressada na língua alvo para que a tradução seja o mais fiel possível. Por isso, Larson (1998:4) inclui a análise da situação comunicativa e do contexto cultural no processo de tradução.

Aplicando-se esse conceito à tradução do texto bíblico, “esse processo de transposição de aspectos de uma língua à outra se intensifica pelo fato de a cultura bíblica fazer parte de uma época bem distante” (VIEIRA, 2013: 18). Atualmente, dispomos de obras que remontam aos aspectos socioculturais da época da escrita de Efésios, mesmo assim é difícil construir um *background* detalhado desse período, mas podemos ter um panorama histórico cultural aproximado que nos ajudará a buscar a interpretação mais correta do texto fonte.

Esse trabalho prévio à tradução propriamente dita garantirá a fidelidade ao texto fonte, assim como o conhecimento do contexto sociocultural e das especificidades do sistema linguístico da língua alvo garantirão a transmissão natural e acessível ao público alvo. Assim, traduzir um texto bíblico pressupõe um conjunto de conhecimentos, baseados numa profunda investigação, e técnicas imprescindíveis a esse processo, que, ao final, ainda deve ser testado e revisado para que se tenha uma tradução (produto) de boa qualidade.

2 Metodologia para a tradução bíblica

A tradução bíblica constitui um desafio ainda maior para os tradutores contemporâneos. Além de se tratar de um conjunto de textos antigos que reportam diferentes culturas e diversos estilos, trata-se também de uma coletânea com diversos gêneros textuais, o que implica estratégias distintas para interpretação. Por essa razão, a tradução hermenêutica, ou seja, a tradução que pressupõe um trabalho prévio de interpretação, parece ser o método mais adequado para a tradução bíblica.

2.1 Tradução hermenêutica

A hermenêutica está a serviço da interpretação. Por essa razão, Schleiermacher (*apud* WILHELM, 2004: 770) considera a hermenêutica a “compreensão de um discurso estranho”.

Schleiermacher trouve le fondement d'une herméneutique générale dans l'acte de compréhension au cœur même de l'interprétation; il élargit alors le domaine de l'herméneutique, discipline assurant le passage entre deux états de langue, en faisant de tout phénomène linguistique ou de tout signe devenu étranger, en tant qu'objet d'interprétation, l'objet d'une *théorie* philosophique de cette compréhension. Par conséquent, l'herméneutique est proprement *critique*, au sens étymologique du terme, car l'acte d'interpréter doit permettre de discerner le vrai sens du faux et de porter un jugement sur un texte ou un événement.¹

(WILHELM, 2004: 770)

Logo, a função do tradutor é interpretar uma mensagem numa língua fonte e torná-la acessível na língua alvo. Nessa perspectiva, a fidelidade ao texto fonte depende da correta interpretação e adequada transposição por parte do tradutor, já que até uma tradução palavra por palavra pressupõe uma interpretação, visto que uma palavra pode ter várias possibilidades de tradução, e é o seu contexto que determina qual a melhor opção de tradução em cada caso.

Dessa forma, o tradutor bíblico tem o grande desafio de extrapolar uma realidade antiga para uma sociedade contemporânea, que tem uma série de valores concretos que não coincidem muitas vezes com os atuais. Assim, podemos utilizar de forma flexível duas abordagens como estratégia de tradução: equivalência formal e equivalência dinâmica.

2.2 Equivalência formal

De acordo com Thomas (1998: 154), a equivalência formal evita o máximo possível de interpretação, fazendo a transferência direta da estrutura superficial da língua fonte para a estrutura superficial da língua alvo.

Yet a characteristic of formal equivalence is its effort to avoid interpretation as much as possible by transferring directly from the surface structure of the source language to the surface structure of the receptor language. By omitting the step of analysis that is built into the D-E approach, interpretation can be excluded to a much higher degree. Since D-E intentionally incorporates interpretation, it obviously has a significantly higher degree of interpretation than formal equivalence and is in a much stronger sense a system of hermeneutics than is formal equivalence.

¹ “Schleiermacher considera que o fundamento de uma hermenêutica geral está no ato da compreensão no centro da interpretação; ele alarga, assim, o domínio da hermenêutica, disciplina que assegura a passagem entre dois estados de língua, fazendo todo fenômeno linguístico ou todo signo se tornar estranho, enquanto objeto de interpretação, objeto de uma teoria filosófica dessa compreensão. Assim, a hermenêutica é propriamente crítica, no sentido etimológico do termo, porque o ato de interpretar deve permitir discernir o verdadeiro sentido do falso e permitir um julgamento sobre um texto ou um evento”. [tradução da autora]

(THOMAS, 1998: 154)

Essa abordagem não pode ser aplicada a qualquer texto por incorrer no risco de comprometer a fidelidade ao texto fonte, já que a transposição da estrutura linguística de uma língua para outra pode causar problemas de má compreensão da mensagem original e, assim, o objetivo da tradução será perdido. Como cada língua tem seu conjunto de regras e combinações próprias, Andersen (2010: 53) questiona se uma tradução em que o propósito final é a equivalência formal pode ser considerada mesmo como uma tradução exata.

2.3 Equivalência dinâmica

A equivalência dinâmica interpreta a mensagem do texto fonte para decodificá-la na língua receptora. Segundo Thomas (1998:153), na exegese do texto, que é o primeiro passo dessa abordagem, é feita a análise do texto, observando a relação gramatical entre os termos e a análise do significado e combinação das palavras. Ele resume esse processo em três passos:

The three steps are reduction of the source text to its structurally simplest and most semantically evident kernels, transference of the meaning from the source language to the receptor language on a structurally simple level, and generation of the stylistically and semantically equivalent expression in the receptor language.

(THOMAS, 1998:153)

Thomas (*op. cit.*) afirma ainda que toda tradução implica algum grau de interpretação, por mais que se tente evitar isso. Portanto, podemos afirmar que a equivalência dinâmica permite um grau de interpretação maior que a equivalência formal.

Assim, na abordagem de equivalência dinâmica, o sentido exato do texto fonte é o cerne da tradução, é ele que o tradutor deve buscar primordialmente. Seguindo essa abordagem de forma equilibrada, a mensagem será comunicada na língua alvo fiel e claramente, sem forçar os leitores a construir um sentido com base numa estrutura gramatical importada de outra língua.

3 Percurso metodológico para a tradução bíblica

Por se tratar de um texto sagrado, muitas culturas não aceitam qualquer método ou abordagem de tradução. Por essa razão, a tradução hermenêutica é mais indicada para esse tipo de literatura, visto que ela pressupõe um trabalho de pré-tradução exaustivo para que se obtenha uma interpretação correta do texto a ser traduzido. Portanto, a tradução, além de incluir um trabalho prévio profundo de análise textual e compreensão do texto fonte, inclui também o conhecimento da língua e cultura alvo.

Para a tradução de Efésios 1, 2 e 3, utilizamos os seguintes procedimentos metodológicos: i) pré-tradução; ii) tradução propriamente dita e iii) pós-tradução².

² Para mais detalhes sobre a metodologia para a tradução dos três primeiros capítulos da *Carta de Paulo aos Efésios*, ver: VIEIRA, 2013: 34-37.

3.1 Procedimentos da pré-tradução

A fase de pré-tradução tem como objetivo buscar o sentido correto do texto fonte. Baseando-se nos princípios da tradução hermenêutica, seguimos os seguintes passos para essa etapa:

- a) Leituras do texto fonte na língua original, bem como de traduções desse texto para outras línguas que o tradutor domine, com os seguintes objetivos:
 - compreender o sentido geral do texto;
 - marcar possíveis termos e estruturas problemáticas à tradução;
 - identificar vocábulos ou expressões que não foram compreendidas para esclarecimento, através de pesquisas feitas posteriormente.
- b) Consulta a fontes de pesquisa (livros e sites) para colher informações sobre o contexto sociocultural do texto fonte e, assim, construir o sentido correto do texto;
- c) Exegese do texto fonte, considerando a língua original, grego, hebraico ou aramaico (línguas em que o texto bíblico foi originalmente escrito), com o objetivo de, a partir da análise criteriosa do texto fonte, ter-se uma interpretação correta do texto. Nesta etapa, analisa-se também a estrutura do texto fonte, o que chamamos de superestrutura, bem como o propósito comunicativo dele e a microestrutura, ou seja, as relações linguísticas estabelecidas dentro do texto para compor o seu significado.

3.2 Procedimentos da tradução propriamente dita

Nessa etapa todo o trabalho feito na fase precedente é levado em conta e é determinante para as decisões do tradutor. Assim, os procedimentos para a tradução são os seguintes:

- a) Tradução do texto fonte, parágrafo por parágrafo, observando o contexto, bem como a exegese feita no momento pré-tradução, deixando separados os trechos mais problemáticos para busca de soluções;
- b) Tradução dos trechos problemáticos, considerando a análise textual feita anteriormente, bem como os aspectos linguísticos e culturais da língua receptora.

3.3 Procedimentos pós-tradução

Para garantir a qualidade, um trabalho de revisão do texto traduzido é necessário. Sendo assim, empregamos os seguintes procedimentos para essa etapa:

- a) Primeira revisão exaustiva e detalhada da tradução, comparando o texto fonte com o texto alvo, a fim de encontrar possíveis inadequações e fazer os ajustes necessários para que ficasse o mais natural possível na língua receptora;
- b) Verificação do texto traduzido com falantes da língua receptora, através de entrevistas de verificação de compreensão e de recepção.
- c) Segunda revisão da tradução, considerando as respostas das entrevistas;
- d) Formatação e unificação dos critérios editoriais;
- e) Revisão do documento final, utilizando uma cópia impressa para averiguar

- possíveis erros e aspectos que poderiam ser melhorados;
f) Correções e últimas leituras do texto traduzido.

4 Algumas estratégias de tradução aplicadas a Efésios

Como a LCV tem o português quinhentista como língua de superstrato, pode-se pensar que não há dificuldades em se traduzir um texto que já possui versões em língua portuguesa. No entanto, isso não é verdade, porque nem todas as palavras que estão nas versões em português têm equivalentes diretos na LCV, o que nos faz lançar mão de estratégias de tradução para garantir a transmissão correta da mensagem do texto fonte.

4.1 Exemplos de estratégias de tradução com vocábulos e expressões

Os trechos aqui comentados servem de exemplo para entender a complexidade que envolve a tradução entre línguas. Todos eles foram retirados da tradução da *Carta de Paulo aos Efésios* para a LCV, que faz parte da dissertação de mestrado de Vieira (2013). É importante lembrar que é necessário aplicar com flexibilidade as abordagens de “equivalência formal” e “equivalência dinâmica”, pois são as estratégias para abordar a tradução que estabelecem o critério.

Em Efésios 1:3, 20; 2:6; 3:10, Paulo usa a palavra “ἐπουρανίους³” traduzida para o português como ‘lugares celestiais’. Contudo, essa expressão não teria sentido em LCV, se traduzida literalmente. Por isso, fez-se a opção por “séu”, que tem uma conotação mais abrangente, mas expressa sem prejuízos o mesmo sentido do texto fonte.

Em Efésios 1:8, o autor afirma que Deus “ἐπερίσσευσεν”, ou seja, ‘deu em abundância’ a ele e aos destinatários da carta a graça do próprio Deus. A versão portuguesa Revista e Atualizada (ARA) traduz esse verbo pela expressão “derramou abundantemente”. Há na LCV dois verbos, como na língua portuguesa (LP) para traduzir esse verbo, a saber: “dar” (LP), “da” (LCV) e “derramar” (LP) “báza” (LCV). Todavia, o verbo “báza” não poderia expressar fielmente o sentido referido no texto, por isso preferimos, diferentemente da versão portuguesa ARA, usar o verbo “da-nu txeu” (lit. ‘deu-nos muito’).

Em Efésios 2:2, há a expressão “τὸν ἄρχοντα τῆς ἐξουσίας τοῦ ἀέρος”, que na ARA foi traduzida como “o príncipe da potestade do ar”. O substantivo “ἐξουσία” significa ‘poder’ ou ‘autoridade’. Optamos por traduzir por “*prinspi di otoridadi di ar*” (lit. ‘príncipe da autoridade do ar’). A expressão em si não é comum nem na LP nem na LCV. Esse é um termo que o apóstolo Paulo usa para denominar Satanás e o próprio texto explica, através de uma construção apositiva, que se refere a “o espírito que agora atua nos filhos da desobediência” (ARA).

Uma das expressões mais difíceis de traduzir na *Carta de Paulo aos Efésios* para a LCV foi a expressão de Ef 2: “εἰς οἰκονομίαν τοῦ πληρώματος τῶν καιρῶν” (lit. ‘para a dispensação da plenitude dos tempos’). Quase todos os tradutores das versões portuguesas optaram por uma tradução literal de tal sintagma. Porém, dificilmente essa tradução comunique alguma coisa aos leitores, o que faz com que a mensagem do texto original se perca. Para a comunicação fiel da mensagem desse trecho, é

³ Todas as citações do texto de Efésios em língua grega foram tiradas do site <http://biblehub.com/>

necessária uma compreensão clara do que ele significa. A palavra “*dispensação*”, no português, vem do latim *dispensatio* e diz respeito ao ato de administrar, repartir, partilhar (DHLP 2003: 1369), e “*πληρώματος τῶν καιρῶν*” (‘plenitude dos tempos’) refere-se a completude de uma época, ou seja, um período que se completou. Assim, chegamos ao seguinte sentido para esse sintagma: uma época planejada se completa. Para tal sintagma, optamos pela seguinte tradução: “*óki kel tenpu planiádu konpleta*” (lit. ‘hora que aquele tempo planejado se completar’). Utilizamos, assim, a conjunção subordinativa futura “*óki*”, o demonstrativo “*kel*” como definidor do sintagma, “*tenpu planiádu*” para exprimir o sentido de uma administração do tempo e “*konpleta*” para expressar a ideia de plenitude.

A linguagem figurada traz beleza e vivacidade ao texto, mas isso só acontece quando a figura utilizada pode realmente comunicar a mensagem pretendida. Em Efésios 3:8, não pudemos usar esse recurso, pois o sentido extraído pelos leitores cabo-verdianos seria o literal. Neste trecho, o autor diz que ele é “*τῷ ἐλαχιστοτέρῳ πάντων ἁγίων*” (lit. ‘o menor de todos santos’). No entanto, ele não se referia à sua estatura, mas à sua importância. Ele humildemente coloca os outros santos numa posição superior a ele. Em LCV, o termo pelo qual se traduziria “*τῷ ἐλαχιστοτέρῳ*” (‘o menor’) literalmente seria “*más pikinóti*”, mas a interpretação que se teria era apenas a literal, a saber, a referente à estatura. Por isso, decidimos por uma tradução *ad sensum*: “*menus inportanti di tudu santu*”.

Paulo, habitualmente, em seus escritos, usa a figura de uma construção para se referir à igreja. Em Efésios 2:20-22, ele afirma que os cristãos de Éfeso “*ἐποικοδομηθέντες ἐπὶ τῷ θεμελίῳ τῶν ἀποστόλων καὶ προφητῶν*” (lit. ‘tendo sido edificadas sobre o fundamento dos apóstolos e profetas’), afirma também que Jesus é “*ὄντος ἀκρογωνιαίου*” (lit. ‘pedra angular’) dessa construção. Em 3:17, ele continua usando essa figura, empregando termos ligados semanticamente à construção civil, desejando que os seus leitores sejam “*ἐν ἀγάπῃ ἐρριζωμένοι καὶ τεθεμελιωμένοι*” (lit. ‘em amor arraigados e fundamentados’). Como essa figura, além de ser muito frequente nos escritos de Paulo, é também muito comum nas culturas cristãs, optamos por mantê-la, usando os termos “*xintádu y finkádu*” (lit. ‘enraizado e fincado’), que transmitem a mesma ideia de estar estavelmente seguro por estar fisicamente alicerçado em uma base sólida.

4.2 Exemplos de estratégias na reformulação do conteúdo original

A LCV parece se caracterizar por utilizar mais estruturas frásicas simples que complexas. As relações de subordinação e coordenação são estabelecidas preferencialmente na sintaxe lógica, em vez da sintaxe explícita. Por isso, foi necessária a reformulação estrutural de períodos compostos para garantir a transmissão da mensagem original e a fluência do texto.

Não há, em LCV, a forma nominal do verbo que chamamos de gerúndio. A noção de progressividade é denotada pela partícula da marcação de aspecto verbal progressivo “*sata*”. Contudo, para manter as estruturas de orações dependentes, não se pode usar essa marca como estratégia de tradução. A estratégia para traduzir tais orações é torná-la uma oração independente, adequando o aspecto verbal ao do verbo da oração que originalmente era a oração principal do período. Esse é o caso de Efésios 1:16; 1:20; 2:3 e 2:15, os quais foram traduzidos sucessivamente da seguinte

forma com retro tradução literal para a LP, para que se perceba a estratégia de tradução empregada⁴:

LCV - *N ka ta dexa di agradese Diós pa nhos, N ta límia nhos na nhas orason (Efézius 1:16)*

LP – Eu não deixo de agradecer Deus por vocês, eu menciono vocês em minhas oração.

LCV - *Es puder E rializa-l na Kristu, E risusita-l na meu di mortu y E po-l xintádu na séu na si direta (Efézius 1:20).*

LP – Esse poder Ele realizou-o em Cristo, Ele o ressuscitou em meio de morto e Ele o pôs sentado em céu em sua direita.

LCV - *Antis, nos tudu tanbé ta viveba entri es, nu ta satisfazeba vontádi di nos karni ku di nos pensamento. Sima kes otu algen, nos tanbé era pa naturéza meresedor di ira di Diós. (Efézius 2:3).*

LP – Antes, nós todos também vivíamos entre eles, nós satisfazíamos vontade de nossa carne com pensamento. Como aqueles outra pessoa, nós também era por natureza merecedor de ira de Deus.

LCV - *E anula na si korpu Lei di mandamentus spresadu na fôrma di ordenansas. Objetivu di Sel éra kria na el propi un novu omi, di dos, pa fazi pas (Efézius 2:15).*

LP – Ele anulou em seu corpo lei de mandamentos expressado na forma de ordenanças. Objetivo dele era criar nele mesmo um novo homem, de dois, para fazer paz.

Nesses quatro trechos as orações destacadas na LCV eram, na língua grega, orações subordinadas reduzidas, construídas com as seguintes formas nominais de verbos: ποιούμενος, ἐγείρας, ποιούντες, καταργήσας (lit. ‘fazendo’, ‘tendo ressuscitado’, ‘fazendo’ e ‘tendo anulado’). Em LP, podemos manter essa estrutura frásica complexa, mas em LCV não é possível. Em Efésios 2:15, ainda manteve-se uma oração subordinada “*pa fazi pas*” (lit. ‘para fazer paz’), mas com a forma infinitiva, que é aceitável em LCV e estabelece o mesmo sentido expresso no original pela oração subordinada, a saber, finalidade.

Em Efésios 2:7, traduzimos a oração subordinada circunstancial “*ἵνα ἐνδείξῃται ἐν τοῖς αἰῶσιν, τοῖς ἐπερχομένοις τὸ ὑπερβάλλον πλοῦτος τῆς χάριτος αὐτοῦ, ἐν χρηστότητι ἐφ’ ἡμᾶς ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ*” (lit. ‘para que mostrasse em os séculos vindouros a extraordinária riqueza da graça dele em bondade sobre nós em Cristo Jesus’), também de finalidade, como independente, já que ela depende de uma estrutura complexa anterior em que o apóstolo Paulo explica as ações divinas consequentes da salvação, a saber: “ressuscitar” e “fazer sentar nos lugares celestiais” (Ef 2:6), e retomamos o referente através da expressão “*e fazi ke-li*” (lit. ‘ele fez isso’):

LCV - *E fazi ke-li p-E mostra, na éra ki sa ta ben, rikéza di si grasa ki ka ten konparason, ki sta dimonstradu na si bondadi pa nos, na Kristu Jizus (Efézius 2:7).*

LP – Ele fez isso aqui para ele mostrar, na era que está vindo, riqueza de sua graça que não tem comparação, que está demonstrada em sua bondade para nós, em Cristo Jesus.

⁴ Empregou-se a retro tradução em todos os exemplos para evidenciar a estratégia usada na tradução.

A LCV não apresenta a distinção entre artigos definidos e indefinidos como a LP. Não há artigo definido, e o indefinido comporta-se como em LP. A ausência do artigo definido marca a definição e a presença do artigo indefinido marca a indefinição⁵. Entretanto, há casos em que o pronome demonstrativo “kel/kes” parece comportar-se como artigo definido. É o caso do seguinte trecho:

LCV - *Intenson di es grasa era ki gósi, na igreja, kel monti forma di sabedoria di Diós ben konxedu pa puder ku otoridadi na séu* (Efézius 3:10).

LP – Intenção de essa graça era que agora, na igreja, aquele monte de forma de sabedoria de Deus vem conhecido para poder com autoridade em céu.

Importa notar que esse foi o único trecho em que tivemos que lançar mão do pronome “kel” para a tradução do artigo “a”. A razão de se fazer necessária a realização do marcador de definição desse sintagma nominal pode ser a presença do modificador “monti”, que carrega uma nuance de indefinição. Nesse verso há também a estratégia de reformulação de oração subordinada de finalidade, tornando-a independente através da expressão “intenson di es grasa”, que retoma o assunto da oração principal presente no verso 8 “ἐμοὶ, τῷ ἐλαχιστοτέρῳ πάντων ἁγίων, ἐδόθη ἡ χάρις αὐτῆ” (lit. ‘a mim o menor de todos os santos foi dada a graça essa’).

O artigo indefinido também pode ser usado em LCV para dar ênfase. O exemplo a seguir mostra um trecho em que não há o artigo no texto, mas optamos por colocá-lo no texto alvo para enfatizar o sentido do sintagma nominal, como está no texto original, e deixar o texto mais dinâmico:

LCV - *na un puzison más altu ki tudu guvernu ku puder, otoridadi ku domíniu, y di tudu nomi ki podi mensionadu, ka só na es éra, mas tanbé na éra ki ta ben* (Efézius 1:21).

LP – em uma posição mais alta que todo governo com poder, autoridade com domínio, e de todo nome que pode mencionado, não só em essa era, mas também em era que virá.

Alexandre (2009: 113-114) afirma que é o complementador “ki” que introduz as frases complexas completivas finitas nominais e adjetivais na LCV. Ela demonstra ainda que essas frases podem apresentar sujeitos encaixados explícitos, além da negação “ka” e de marcadores aspectuais. Para a fluência textual, preferimos traduzir os trechos com esse tipo de estrutura retomando o referente, de forma que as orações adjetivas se tornassem independentes. A seguir, algumas ocorrências que evidenciam essa estratégia:

LCV - *Es grasa li, Diós oferece-nu el txeu ku tudu sabedoria ku ntendimentu. E rivela-nu mistériu di si vontadi, sima si propózitu ki é bon. Es propózitu li, E po-l na Kristu* (Efézius 1:8-9).

LP – Essa graça aqui, Deus ofereceu-nos muito com toda a sabedoria com entendimento. Ele revelou-nos o mistério de sua vontade, como o seu propósito que é bom. Esse propósito aqui, ele o pôs em Cristo.

LCV - *Keli é garantia di nos eransa ti ridenson di tudu kes ki é propriedadi di Diós, pa lovor di si glória* (Efézius 1:14).

⁵Tratando-se do artigo, veja-se descrição de Alexandre (2009: 61-70) sobre determinantes e quantificadores.

LP – Isso aqui é garantia de nossa herança até a redenção de todos aqueles que é propriedade de Deus, para louvor de sua glória.

LCV - *Nhos ta viveba na es kantu nhos ta sigiba ordi di es mundu ku prínsipi di otoridadi di ar, spritu ki sa ta aji gósi na kes algen ki ta vivi na dizobidensia* (Efézius 2:2).

LP – Vocês viviam neles quando vocês seguiam a ordem desse mundo com o príncipe de autoridade de ar, espírito que está agindo naqueles que vivem na desobediência.

LCV - *Pamodi anos é kriason di Diós, ki E fazi na Kristu Jizus pa nu pratika bon obra. Es obra li, Diós prepara-s antis pa nu pratika-s* (Efézius 2:10).

LP – Porque nós é criação de Deus, que ele realizou em Cristo Jesus para nós pratica bom obra. Essas obra aqui, Deus preparou-as antes para nós praticarmos elas.

LCV - *Pamodi Jizus é nos pas, é kel algen ki di dos fazi un. E destrui barera, muru di inimizadi* (Efézius 2:14).

LP – Porque Jesus é nossa paz, é aquele alguém que de dois fez um. Ele destruiu barreira, muro de inimizade.

O conteúdo desses trechos foram reformulado em uma estrutura reconhecida na língua alvo. Não seria adequado, nesses casos, usar o pronome relativo “ki” para traduzir os relativos “ἧς” (1:8-9), “ὅ” (1:14; 2:14), “αἷς” (2:2) e “οἷς” (2:10), deixando, como na língua original, a estrutura da frase complexa. Normalmente, na LCV, os períodos compostos se realizam em proposições de curta extensão, nas quais o referente é mais rapidamente identificado. Esse é o caso de Efésios 1:9, citado acima “*sima si propózi ki é bon*” (lit. ‘como seu propósito que é bom’).

Nos exemplos seguintes, temos dois casos em que, no primeiro, a reformulação do conteúdo original foi mais complexa, por se tratar de um período mais longo com várias orações encaixadas. Nesse caso, a estratégia usada foi a simplificação do período, deixando o texto com os aspectos estruturais da língua alvo. No segundo exemplo, temos um caso de manutenção da estrutura original.

LCV - *Mas Diós é riku di mizerikórdia, pamodi E ama-nu txeu E da-nu vida ku Kristu, kantu nu staba mortu na nos transgrison – pa grasa nhos é salvadu.* (Efézius 2:4,5).

LP – Mas Deus é rico de misericórdia, porque Ele nos amou muito Ele deu-nos vida com Cristo, quando nós estava morto em nossa transgressão – por graça vocês é salvo.

LCV - *ki ta da tudu família nomi na séu ku tera* (Efézius 3:15).

LP – que dá toda família nome em céu com terra.

Em Efésios 2:4,5, a oração adjetiva “ὁ δὲ Θεὸς πλούσιος ὢν ἐν ἐλέει” (lit. ‘mas Deus rico sendo em misericórdia’) foi transformada em oração independente. A oração principal “*συνεζωποίησεν τῷ Χριστῷ*” (lit. ‘deu vida com Cristo’) foi anteposta à sua subordinada adverbial “*ὄντας ἡμᾶς νεκροὺς τοῖς παραπτώμασιν*” (lit. ‘estando nós mortos nas transgressões’), que passou a ser introduzida pela conjunção subordinativa de passado “*kantu*”. Já em Efésios 3:15, pudemos manter a estrutura original da oração subordinada adjetiva, introduzindo-a pela conjunção relativa “*ki*”.

Os participios, que são conhecidos como o “coração da língua grega”, são os que requerem uma reformulação mais intensa, visto que, como já foi mencionado, a

língua cabo-verdiana não apresenta a forma nominal gerúndio e o particípio é usado apenas em contextos estruturais muito específicos, principalmente para indeterminar o sujeito da oração. Em Efésios 1:18, o particípio perfeito “*πεφωτισμένους*” deu lugar a uma oração subordinada adverbial de causa introduzida pela conjunção “*dja ki*”:

LCV – *Dja ki E ilumina odjus di nhos kurason, pa nhos sabi kal ki é speransa di xamada di Diós ku rikéza di si eransa glorios na tudu santu* (Efézius 1:18).

LP – Já que ele iluminou olhos de vocês coração, para vocês saber qual que é esperança de chamada de Deus com riqueza de sua herança gloriosa em todo santo.

A oração “*dja ki E ilumina odjus di nhos kurason*” está sintaticamente ligada à sua subordinante, no verso 17: “*ἵνα ὁ Θεὸς τοῦ Κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ, ὁ Πατὴρ τῆς δόξης, δώῃ ὑμῖν πνεῦμα σοφίας καὶ ἀποκαλύψεως ἐν ἐπιγνώσει αὐτοῦ*” (lit. ‘para que o Deus do Senhor nosso Jesus Cristo, o Pai da glória, dê a vós espírito de sabedoria e revelação em conhecimento dele’). Para evidenciar essa relação de dependência é necessário o uso da conjunção para introduzir a subordinada e explicitar a relação semântica entre as orações, ou seja, a relação de causa – consequência.

O modo subjuntivo inexistente na LCV, as formas modais se restringem apenas ao indicativo e ao imperativo. A noção que o subjuntivo denota em LP é, geralmente, expressa através da subordinação, na qual a oração subordinante indica desejo, hipótese, possibilidade, etc. Nos três versículos a seguir, podemos ver duas estratégias usadas para a tradução dessa forma.

LCV - *pa E fortaleci nhos dentu di nhos ser propi, konformi rikéza di si glória ku si puder, través di si Spritu,* (Efézius 3:16)

LP – para Ele fortalecer vocês dentro de ser de vocês mesmo, conforme sua riqueza de sua glória com seu poder, através de Espírito Santo.

LCV - *nhos podi djuntu ku tudu santu konprendi largura, kunprimentu, altura ku fundéza, y nhos konxi amor di Kristu ki ta pasa tudu konhesimentu, pa ki nhos fika ntxidu di Diós ti bóka* (Efézius 3:18-19).

LP – vocês pode junto com todo santo compreende largura, cumprimento, altura com profundidade, e vocês conhecem amor de Cristo que passa todo conhecimento, para que vocês fica enchido de Deus até boca.

Nesses exemplos, há três verbos no subjuntivo: “*δῶ*” ‘dê’ (v.16) “*ἐξισχύσητε*” ‘sejais capazes’ (v.17) e “*πληρωθήτε*” ‘sejais enchidos’ (v.18). A estratégia usada para a tradução aqui foi empregar os verbos no modo indicativo e usar recursos linguísticos para manter a nuance de ‘desejo’ que o subjuntivo grego carrega. Assim, a oração, no verso 14, “*N ta duedja diante di Pai*” (lit. ‘eu ajoelho diante de Pai’), que expressa uma posição de oração, transmite a ideia de desejo que é típico de uma prece. No verso 16, a reformulação do conteúdo foi um pouco mais complexa, pois há um sintagma adverbial que separa o verbo “*δῶ*” ‘dê’ do seu complemento “*κραταιωθῆναι*” ‘serdes fortalecidos’, o que não seria aceitável em LCV. Por isso, traduzimos os sintagmas adverbiais na posição final da frase e usamos apenas o verbo “*fortalesi*”, que carrega em si o sentido de ‘dar fortalecimento’ e, assim, não comprometemos o sentido original do texto.

A LCV existe numa situação de contato com a LP, de forma mais intensa, e com outras línguas, de forma mais restrita. O contato com a LP tem desencadeado um processo que chamamos de descrioulização. Isso significa que alguns aspectos linguísticos da LCV vão se perdendo e dando lugar às estruturas da LP. Isso se deve a três fatores: i) ao *status* que a LP ainda sustenta no país, sendo a única língua oficial, apesar da LCV ser a língua materna da grande maioria dos cabo-verdianos; ii) à influência dos meios de comunicação, geridos primordialmente por empresas brasileiras e portuguesas, o que promove ainda mais essa língua para as situações mais formais iii) e ao contato histórico em Cabo Verde e Portugal, já que até 1975 Cabo Verde era colônia de Portugal. Na tradução dos três primeiros capítulos de Efésios, procuramos manter os aspectos linguísticos da LCV, restringindo o máximo possível as influências da LP, com o objetivo de não contribuir com o processo de descrioulização.

De acordo com Bruser (2002:XLIII), em LCV, a posição dos adjetivos com função atributiva pode ser anteposta ou posposta ao substantivo. Como na língua portuguesa, a mudança de posição do adjetivo pode implicar mudança de sentido do sintagma. Além disso, a LCV é caracterizada também pelo princípio da economia. Assim, não há marcação de concordância nominal entre o substantivo e o adjetivo que o modifica, apenas um dos termos tem a marcação de plural, que geralmente é o primeiro do sintagma. Como a posição posposta tem maior rendimento funcional, preferimos essa estrutura na tradução. Vejamos o exemplo:

LCV - *Pa nhos sabe tanbé grandeza sen konparason di Si puder pa nos ki ta kridita na El, sima ason di si forsa puderros.* (Efézius 1:19).

LP – para vocês saber também grandeza sem comparação de seu poder para nós que acredita em Ele, como ação de sua força poderosa.

O verso 19 é continuação do complemento verbal do verbo “*εἰδέναι*” ‘saber’. Como trata-se de um período longo com várias sintagmas genitivos, foi necessário transformar esse complemento verbal composto em duas orações coordenadas, retomando o verbo na segunda oração com o advérbio “*tanbé*” ‘também’ para dar uma melhor fluência ao texto. Em relação à posição do adjetivo, preferimos usar a estrutura posposta “*si forsa puderros*” para a tradução do sintagma genitivo “*τοῦ κράτους τῆς ἰσχύος αὐτοῦ*” ‘da força do poder dele’.

Em Efésios 2:7, temos o particípio ativo presente “*ὑπερβάλλον*” ‘extraordinária’ que modifica o núcleo do sintagma nominal “*πλοῦτος τῆς χάριτος αὐτοῦ*” ‘riqueza da graça dele’. Na LCV não há um adjetivo que traduza adequadamente o sentido de “*ὑπερβάλλον*”, por isso usamos uma oração negativa para expressar seu significado:

LCV - *E faze keli pa E mostra, na era ki sa ta ben, rikéza di si grasa ki ka ten konparason, ki sta dimonstradu na si bondadi pa nos, na Kristu Jizus.* (Efézius 2:7).

LP – Ele fez isso aqui para Ele mostrar, na era que está vindo, riqueza de sua graça que não tem comparação, que está demonstrado na sua bondade para nós, em Cristo Jesus.

A oração relativa “*ki ka ten konparason*” introduzida pela conjunção “*ki*” foi a estratégia para esse trecho, já que o prefixo “*in-*” não é muito produtivo em LCV, o que seria um recurso para evitar a oração relativa, como acontece em LP, por exemplo,

em que a ARA usa o adjetivo “supremo” na sua versão, tendo como tradução o seguinte sintagma: “a suprema riqueza da sua glória”.

Sendo o grego uma língua que usa a marcação de casos, a ordem dos constituintes não é algo determinante. Contudo, para a LCV a ordem dos constituintes é fixa: SVO (S= sujeito, V= verbo, O= objeto). O objeto pode ser duplo, já que não há objeto indireto, pois os complementos ligam-se ao verbo diretamente sem a mediação de uma preposição. Nesses casos, denominamos o objeto que se posiciona mais próximo ao verbo como “objeto₁” e o mais afastado com “objeto₂”.

Segundo Pina (2006) a morfologia verbal limita a ordem dos constituintes na frase em LCV:

As evidências constatadas nas características da morfologia verbal do CV levam à afirmação de que não há, nessa língua, prototipicamente movimento do verbo. Por um lado, [...] o verbo em CV não flexiona e as suas formas são invariáveis, uma vez que não há concordância de pessoa e número. Assim, quase toda a sua estrutura fica explicada pela presença ou ausência dos marcadores de TMA, ou do morfema temporal -ba, que no fundo determinam os tempos e os modos de todo o sistema verbal. Perante essa morfologia, vimos também, por outro lado, [...] que, pelas suas características sintáticas, o CV não admite a inversão Sujeito-Verbo, nem focalização do Sujeito para a colocação em posição pós-verbal.

(PINA, 2006: 96-97)

Na tradução de Efésios 1:17, essa ordem típica do cabo-verdiano fica evidente:

LCV - *N ta pidi Diós di nos Senhor Jizus Kristu, Pai glorios, pa E da nhos spritu di sabedoria ku rivelason, na kunhesimentu konpletu di El.* (Efézius 1:17).

LP – Eu peço a Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, Pai glorioso, para Ele dá vocês espírito de sabedoria com revelação, em conhecimento completo de Ele.

O objeto₁ “nhos”, que na LP seria o objeto indireto, ocupa sempre a posição mais próxima do verbo, assim como o objeto₂ “*spritu di sabedoria ku rivelason*” fica na posição mais afastada. Mesmo quando os objetos são ocupados por pronomes, essa posição permanece fixa. O contato com a LP tem feito aparecer, no uso cotidiano, a realização de frases do tipo SVODOI (OD = objeto direto; OI = objeto indireto). Contudo, como já foi mencionado, isso faz parte do processo de descrioulização, o qual deve ser evitado para que não incorra num processo de morte da LCV.

Considerações finais

O desafio da tradução bíblica está inicialmente no fato de que o tradutor tem que remontar uma cultura do passado para expô-la no presente. Nesse artigo, mostramos que a tradução hermenêutica é um método adequado para esse tipo de literatura, porque propõe que o tradutor analise detalhadamente o texto fonte, buscando o seu sentido correto. Vale ressaltar que essa análise do texto fonte, ou seja, a exegese é um passo essencial para transpor a barreira cultural entre a situação comunicativa fonte e a situação comunicativa alvo.

No trabalho de tradução constatamos que a flexibilidade na aplicação das abordagens de equivalência formal e dinâmica contribui para assegurar que a mensagem original seja transmitida de forma fiel e natural na língua receptora, quer

dizer, não permitindo a perda do sentido original do texto nem deixando-se perceber pela forma que se trata de uma tradução. O contexto é condicionante para a escolha da abordagem a ser aplicada.

Sendo a tradução uma reformulação de uma mensagem de uma língua fonte para uma língua receptora, deve-se considerar que o respeito às regras que compõem o sistema linguístico e ao contexto cultural da língua receptora, a LCV nesse caso, é imprescindível para um resultado satisfatório. Mesmo tendo como língua lexificadora o português, a LCV requer estratégias próprias de tradução e não seria aceitável uma adaptação das versões bíblicas da LP, visto que os aspectos gramaticais dessas duas línguas, em geral, não coincidem.

O maior desafio na tradução da *Epístola de Paulo aos Efésios* foi, sem dúvida, a reformulação das frases complexas. Como a LCV utiliza preferencialmente a parataxe como recurso de construção textual, diversas vezes é necessário a retomada de referentes, bem como a reestruturação em frases simples, garantindo, assim, que o sentido original não se perca.

Referências bibliográficas

ALEXANDRE, Nélia Maria Pedro. **WH-Constructions in Cape Verdean Creole: Extensions of the Copy Theory of Movement**. Tese de Doutorado em Linguística, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2009.

ANDERSEN, Kelsey. **La traducción de emoción: llegando a una equivalencia**. Tese de doutorado em tradução e interpretação. Massachusetts: Mount Holyoke College, 2010.

<https://ida.mtholyoke.edu/xmlui/bitstream/handle/10166/660/424.pdf?sequence=1>
Acessado em: 12 de dezembro de 2012.

BASSNETT, Susan. **Translation Studies**. 3ª ed. Nova Iorque: Routledge, 2002.

Bible interlinear english – greek. Bible Hub: 2004 - 2016. Disponível em: <http://biblehub.com/interlinear/ephesians/1-1.htm>. Acessado em: 17 de agosto de 2016.

BRUSER, Martin e André dos Reis Santos. **Dicionário do Crioulo da Ilha de Santiago**. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 2002.

GADAMER, Hans-Georg. *A Linguagem como Medium da Experiência Hermenêutica*. **Verdade e Método I**, trad. Flávio Paulo Meurer, 497-631. Petrópolis: Vozes, 1997.

LARSON, Mildred L. **La traducción basada en el significado. Un manual para el descubrimiento de equivalencias entre lenguas**. Buenos Aires: Editorial Univesitaria (EUDEBA), 1989.

QUINT, Nicolas. **Le Cap-verdien: origines et devenir d'une langue métisse**. Paris: L'Harmattan, 2000.

PINA, Emanuel de. **Aspectos da Estrutura da Frase e da Negação Frásica no Cabo-verdiano (variante de Santiago) e no Português Europeu – Um Estudo Sintático Comparativo**. Dissertação de Mestrado em Linguística, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2006.

QUINT Nicolas. *Un bref aperçu des racines africaines de la langue capverdienne*, in: **Cabo Verde, Origens da sua Sociedade e do seu Crioulo** [Actes du Colloque International Erlangen-Nürnberg, 23-25 Septembre 2004], Tübingen, Gunter Narr, 2006, pp. 75-90.

THOMAS, Robert L. **Dynamic Equivalence: A Method of Translation**. 1998.

Disponível em:

http://bible-translation.net/upload/2891/Dynamic_Equivalence_A_Method_of_Translation_or_a_System_of_Hermeneutics_by_Robert_L_Thomas.pdf. Acessado em: 12 de dezembro de 2012.

VIEIRA, Eliane. **Efésios 1, 2 e 3**: uma proposta de tradução para a língua cabo-verdiana (variedade de Santiago). 203f. Dissertação (Mestrado em crioulista e língua cabo-verdiana). Universidade de Cabo Verde, Praia, 2013.

WILHELM, Jane Elisabeth Wilhelm. Herméneutique et traduction: la question de “l’appropriation” ou le rapport du “propre” à “l’étranger”. **Meta: Journal des Traducteurs**, v. 49, n. 4, dez. 2004, 768-76.